

A parceria educação formal – não formal para a apropriação da Química no cotidiano

The partnership formal – non-formal education to the appropriation of chemistry in daily life

Ludmila Nogueira da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)
ludmila.silva@ifrj.edu.br

Danielle Grynszpan

Instituto Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ
danielle@ioc.ficoruz.br

Resumo

Comprometidos com a função de difusão científica, os espaços não formais podem colaborar com um processo de letramento científico, ligado ao favorecimento de uma visão ampla das ciências da vida entre seus visitantes. Assim, a inserção da Química nesses espaços seria fundamental, a fim de proporcionar uma compreensão melhor das transformações presentes no cotidiano das pessoas. Neste estudo, avaliamos a presença de conhecimentos químicos nas instituições museais da região metropolitana do Rio de Janeiro, por meio de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Verificamos as fortes influências interinstitucionais, no que tange à expografia dos espaços, contribuindo para a presença de conhecimentos químicos, assim como nas opções museográficas realizadas a partir destas influências e parcerias realizadas. Verificamos, ainda, a contribuição para a formação acadêmica dos mediadores, enquanto licenciados, favorecendo uma maior relação entre a educação formal e não formal.

Palavras chave: museus e centros de ciência; divulgação científica; popularização da Química

Abstract

The non-formal spaces, committed to scientific diffusion function, can collaborate on a process of scientific literacy, linked to encouraging a broad view of the life sciences among its visitors. The insertion of Chemistry in these spaces would be essential in order to provide a better understanding of the present transformations in daily life. In this study, we evaluated the presence of chemical knowledge in the museum institutions in the metropolitan area of Rio de Janeiro, through qualitative ethnographic research. We note the strong inter-institutional influences, regarding the expography spaces, contributing to the presence of chemical knowledge, as well as the museographic options made from these influences and made partnerships. We also observed the contribution to the academic formation of mediators, as graduates, fostering a closer relationship between the formal and non-formal education.

Key words: museums and science centers; science diffusion; popularization of chemistry

Introdução: A década de 90 e os conhecimentos químicos no quadro do ensino das ciências naturais

À medida em que a Ciência e a Tecnologia foram consideradas como importantes para o desenvolvimento econômico, social e cultural, o ensino das ciências também foi se tornando cada vez mais importante, até mesmo como reflexo das diversas reformas educacionais que ocorreram mundialmente. Nos anos 90 foram propostos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em nosso país (BRASIL, 1999), porém houve uma tendência à manutenção, na prática escolar, de currículos tradicionais. Isto prevaleceu não só no Brasil, mas também nos “sistemas educacionais de países em vários níveis de desenvolvimento” (KRASILCHIK, 2000, p. 87). Mesmo considerando as reformas educacionais que têm ocorrido ao longo das últimas décadas, as escolas, como espaços formais de educação, não poderiam abranger sozinhas as múltiplas informações que surgem a cada momento no mundo (CASCAIS e TERÁN, 2011, p. 3), nem mesmo conseguiriam dar conta de questões socioambientais que se apresentam no cotidiano. A nosso ver, seria preciso reconhecer que, como instituição forjada em uma estrutura disciplinar, a escola tem limitações que não favorecem a abordagem de temas transversais. Os conteúdos de ciências naturais constituem um bom exemplo desta estrutura, na medida em que os blocos de seus conteúdos estão separados de acordo com a natureza de cada disciplina, com a justificativa de que esta fragmentação permitiria uma melhor explanação da natureza de cada conteúdo.

Sendo assim, os temas transversais, como o Meio Ambiente e a Saúde, ou os Direitos Humanos e a Formação Ética, poderiam, a nosso ver, ser melhor contemplados nos espaços não-formais de educação. As ideias dos alunos sobre fenômenos químicos do corpo humano e/ou da natureza, assim como acerca dos modos de conservar a diversidade ou realizar transformações no meio ambiente estão carregados de símbolos culturais – como, inclusive, apontam os PCNs. No lugar de situar o problema da frustração em relação à concretização de diretrizes educacionais no desentendimento entre os atores sociais no campo sociológico advogamos, como caminho mais frutífero, o reconhecimento da necessidade e da importância da parceria entre escolas e instituições museais. Apesar de concordarmos com Santos, Almeida e Campos (2005) que, via de regra, ministérios ou secretarias de Educação deveriam levar mais em conta a necessidade de trabalhar programas com maior participação e envolvimento dos educadores, acreditamos que os espaços de educação não formal, como é o caso das instituições museais, possam cumprir um papel que vai além das possibilidades da educação formal, representada pelas instituições escolares. Com um perfil que permite um uso do tempo e de espaço mais apropriado a tratar de questões como a oferta de água e o saneamento ambiental, inclusive em uma perspectiva interdisciplinar que pode proporcionar uma visão integrada, as instituições museais poderiam contemplar aspectos conceituais da química, porém em uma perspectiva socioambiental que incorporasse, também, noções ligadas à poluição e qualidade de vida - também afeitas à economia ou à política. Assim, os conhecimentos químicos das ciências naturais poderiam contribuir para se alcançar um patamar de uma educação científica voltada para uma formação cidadã.

Há um consenso entre autores também no sentido de ressaltar a década de 90 como fundamental em termos de investimento em instituições museais no Brasil. Segundo Grynszpan (2002, p.325), este foi um período de fortes mudanças no cenário dos museus e centros de ciência em nível internacional e também no Brasil:

Na França, o investimento na popularização científica correspondeu a um movimento que recebeu forte impulso a partir da década de 1980 (...). O Brasil recebeu, é claro, influências desse movimento que, é preciso dizer, não foi apenas francês. (...). Tem-se assistido no Brasil, desde pelo menos o início da década de 90, a um expressivo processo de criação/ renovação de centros e museus de ciências. (GRYNSZPAN, 2002, p.325)

Este aumento quantitativo de instituições museais a partir da década de 90 também foi ratificado por Souza (2008, p. 31) e, desta forma, direcionamos nossa pesquisa para este período no qual o perfil interdisciplinar inspirou as iniciativas museográficas da educação não formal. Seguimos as recomendações de Christian e Yezierski (2012, p. 1338) que apontaram, como áreas abertas para investigação, os estudos em instituições não formais que pudessem subsidiar a melhoria da incorporação de conhecimentos químicos bem como auxiliar no processo de ensino – aprendizagem em química.

Desenho teórico-metodológico

A pesquisa qualitativa foi norteada pela abordagem etnográfica, na medida em que colaborava para uma compreensão mais aprofundada dos diversos espaços de educação não - formal, com base em uma “descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo”, como aponta Spradley (1979, apud LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p. 15) e nos proporcionava um estudo de cada iniciativa, com seu “ambiente natural como fonte direta de dados” (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p. 12). A opção por um desenho teórico-metodológico que associou dados provenientes de levantamentos documentais, observações de campo e análise de entrevistas não diretas com os atores sociais nos propiciou uma análise entrecruzada de informações de diferentes fontes. Além de enriquecer o conjunto de evidências, a estratégia metodológica permitiu a relativização dos resultados, levando-se em conta a necessidade se não se tomar como verdades incontestáveis as informações obtidas, como os dados registrados por meio de entrevistas. Além disso, a fundamentação teórica baseada em conceitos bourdieuanos como “campo”, “habitus” e “capital” permearam a interpretação acerca das influências da formação e da circulação dos atores sociais, bem como do intercâmbio entre instituições museais, no que se refere à compreensão sobre a presença de conhecimentos químicos nas exposições, módulos e atividades na amostra de instituições não-formais selecionadas para a pesquisa.

Sobre a amostra estudada, selecionamos sete dentre 37 instituições museais, arroladas no Catálogo de Centros e Museus de Ciências no Brasil (2009), levando em consideração o aspecto temporal (espaços criados ou renovados na década de 90) associado à localização geográfica (região metropolitana do Rio de Janeiro) e ao perfil institucional (ligado a atividades interativas em ciências naturais). Tais instituições sofreram influências diretas ou indiretas da cultura de instituições precursoras. Assim, na discussão de alguns resultados, e sua análise interpretativa, foi imperativo considerar alguns aspectos ligados à contribuição do Espaço Ciência Viva (ECV) e do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), instituições pioneiras que surgiram na década de 80, criadas na perspectiva de complemento à educação formal. Da mesma forma, os atores sociais que circularam e circulam no campo – muitos deles provenientes destes espaços pioneiros ou formados por seus integrantes – também carregam a influência em seus habitus e um capital de conhecimento adquirido. Pautados em nosso referencial teórico bourdieuano (BOURDIEU, 2004), analisamos as diferentes abordagens de conhecimentos químicos nos centros de ciência do Rio de Janeiro a partir de aspectos museológicos e museográficos observados nas exposições, assim como nos módulos e atividades. Adicionalmente, verificamos e interpretamos possíveis variações ao longo do tempo, em cada um dos espaços estudados.

Resultados e discussão

Durante a década de 90, em virtude de um movimento mundial relacionado ao fortalecimento da educação científica no sentido da formação cidadã, houve a necessidade de aproximar a ciência ao cotidiano das pessoas, significando numa abordagem interdisciplinar nos espaços de educação não formal, conforme evidenciando por Marandino (2005).

O fato de os conceitos escolhidos serem tratados por diferentes áreas da ciência aponta para a interdisciplinaridade de determinados conteúdos apresentados em exposições. (MARANDINO, 2005, p. 170)

Identificamos essa preocupação pela abordagem interdisciplinar nas falas dos entrevistados, como por exemplo:

“Nós pensamos numa exposição que pudesse articular, que pudesse ser interdisciplinar” (ECI)

“O Parque da Ciência, que era onde eu atuava. Quando ele foi criado, ele já ficava com essa proposta de ser um espaço mais interdisciplinar, pra integrar essas áreas: Biologia, Química, Física que tão nesse processo” (Museu da Vida 1).

Considerando esses aspectos em nossa pesquisa, em que optamos pelas instituições museais inauguradas oficialmente a partir da década 90, percebemos que nossa investigação não poderia ser norteadada pela “presença ou ausência da Química”. Caso assim fosse, estaríamos realizando uma investigação que não condiz com o tempo e espaço analisados uma vez que não corresponde à museologia do período estudado - uma museologia orientada pela abordagem interdisciplinar das Ciências Naturais.

Desta forma, obtivemos resultados relacionados à nossa opção pela investigação por “conhecimentos químicos” – e não “a Química” – nas exposições, módulos e/ou atividades das instituições museais, como trazemos nas falas dos entrevistados e dados da observação de campo (figura 1):

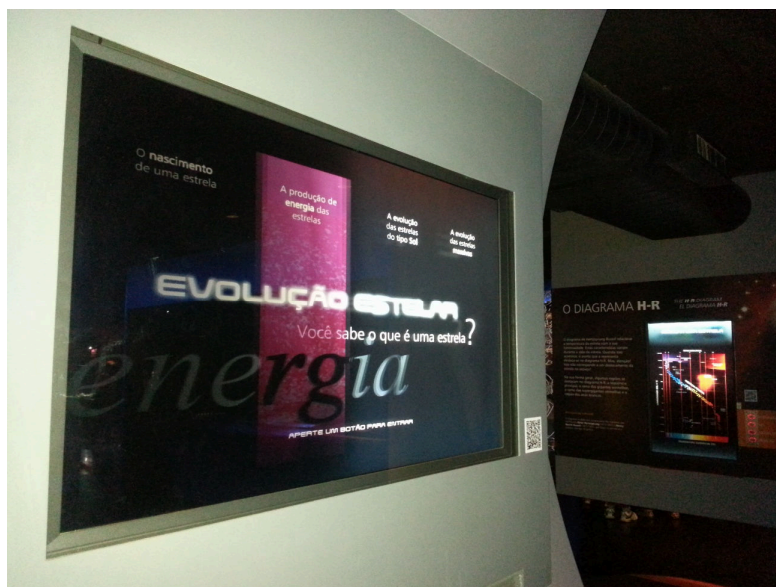


Figura 1 – Observação de campo acerca de conhecimentos químicos na exposição permanente do Espaço Museu do Universo/ Fundação Planetário

“(...) estrelas muito novas, que nasceram no começo do universo, basicamente, só tinha hidrogênio – depois foi que houve a formação dos elementos mais pesados. (...) isso é a gênese dos elementos químicos, mas a gente não falou de Química” (EMU 1)

“(...) é um museu, a gente propõe ser uma coisa mais interdisciplinar, mais lúdica, mais dinâmica. Ai se você coloca Física, Química, Matemática, você tá meio disciplinarizando o museu. E os museus (de ciência), normalmente, não trabalham muito com a disciplina. É claro que pode ter o museu de Matemática, o museu de Óptica, uma coisa mais específica, que às vezes pode existir algum acervo mais específico relacionado a quilo, mas a Química em particular, ela vem aparecendo junto aos temas que a gente vai desenvolvendo” (Museu da Vida 1)

Em consonância à preocupação dos atores sociais em atrelar os conhecimentos químicos a outras áreas do conhecimento, além da efetiva abordagem interdisciplinar nas exposições, módulos e/ou atividades oferecidas pelos espaços, pode ser observada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A organização em três áreas – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias – tem como base a reunião daqueles conhecimentos que compartilham objetos de estudo e, portanto, mais facilmente se comunicam, criando condições para que a prática escolar se desenvolva numa perspectiva de interdisciplinaridade (BRASIL, 1999, p. 18).

As influências externas e internas na museografia dos espaços

As diversas opções museográficas relacionadas à abordagem de conhecimentos químicos nas exposições, módulos e/ou atividades, orientadas pela museologia de cada instituição museal foram influenciadas pelos atores sociais do *campo* da divulgação científica (pessoas e instituições). A circulação dos atores sociais, bem como sua posição no campo (geográfico e bourdieuano) da divulgação científica, são fatores que contribuíram e/ou influenciaram na abordagem de conhecimentos químicos nas exposições, módulos e/ou atividades, seja por decisão de integrantes da instituição (motivação interna) ou por iniciativas externas, relacionadas a aspectos institucionais.

Sobre a concepção das exposições, verificamos que o *habitus* dos atores sociais vai gerar influências nas opções museográficas, como apontamos ao analisarmos a história do Espaço Ciências Interativa. No ano de 2005, a equipe responsável por esse espaço – antes formada apenas por profissionais da área de Química e Física, sofreu uma reformulação, passando a ser composta por profissionais da área de Biologia e Educação Ambiental, além da inserção de alunos dos cursos de Licenciatura do IFRJ. Nesse momento, houve uma ruptura na expografia do ECI, a partir da concepção de uma exposição com a temática “homem-natureza” em que houve a abordagem interdisciplinar de conhecimentos científicos, como podemos verificar através da fala de um dos entrevistados:

“(...) pensaram numa exposição que falava um pouco da relação homem-natureza, tratava de aspectos da educação ambiental” (ECI).

Analisando a trajetória do ECI, verificamos que essa tendência interdisciplinar se mantém. Em 2010, foi inaugurada a exposição “Energia e Vida”, elaborada pela nova equipe de profissionais do ECI.

Na exposição “Energia e Vida”, oferecida pelo Espaço Ciência Interativa em 2010, houve a abordagem de conhecimentos químicos através de módulos interativos e painéis, como identificamos nos documentos relacionados à exposição e na fala de um dos entrevistados:

“Por meio da exposição ‘Energia e Vida’, nós tivemos a preocupação de trazer fenômenos químicos também. Então, nós tínhamos o experimento da bioluminescência e tínhamos o experimento da ‘pilha

humana. E os painéis também tentavam trazer essa essência, tentar explorar um pouco os aspectos químicos” (ECI).

Desse modo, a partir de nossa análise entrecruzada dos dados, verificamos que os atores-chave dos processos de criação das instituições museais investigadas, assim como os diversos profissionais, responsáveis pelas opções museológicas e museográficas desses espaços ao longo do tempo, também sofreram influências do *campo* da divulgação científica no seu próprio *habitus*. Assim, a análise de nossos resultados se apoia no referencial teórico escolhido, na medida em que, de acordo com Bourdieu (1983, p.19) os agentes sociais, indivíduos ou grupos, incorporam um *habitus* gerador (disposições adquiridas pela experiência) que varia no tempo e no espaço.

Acerca das influências externas e como elas orientam as decisões e ações, evidenciamos, através do entrecruzamento dos dados das observações de campo (a museografia dos espaços) e das entrevistas, que 7 dos 10 atores sociais de nossa amostra sofreram influência direta e/ou indireta do ECV e/ou do MAST (que fazem parte do *campo*) em seus *habitus*, como indica Bourdieu (1983, p. 15).

O *habitus* tende, portanto, a conformar e orientar a ação, mas na medida em que é produto das relações sociais, ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendraram (BOURDIEU, 1983, p. 15).

Pode-se notar, ainda, a inter-relação entre instituições museais no *campo*, conforme o trecho da entrevista, que reproduzimos a seguir:

“Foi sugestão de colegas de outros museus que têm atividades e mais experiência do que nós. Museu de Astronomia e Ciências Afins, os colegas das primeiras versões do Museu da Vida, da Casa da Ciência da UFRJ, que era necessário tirar o museu da formalidade tradicional, ele precisava ser interativo” (Museu da Química).

Assim, as noções de *campo* e de *habitus* nos ajudaram a elucidar como as instituições oficialmente fundadas na década de 90 apresentam em seus perfis as influências externas, que podem ser provenientes de instituições predecessoras e que têm ainda papel fundamental no *campo* da divulgação científica no tempo e espaço estudados, muito embora tenham se estruturado de acordo com a museologia a década de 80. Percebemos a atual opção dessas instituições a partir de suas trajetórias, compreendendo os contextos de tempo e espaço nos quais foram concebidas, como indica Thiry-Cherques, ao salientar as diferentes contribuições no *habitus* dos atores sociais (agentes e instituições):

Do berço ao túmulo absorvemos (reestruturamos) nossos *habitus*, condicionando as aquisições mais novas pelas mais antigas. Percebemos, pensamos e agimos dentro da estreita liberdade, dada pela lógica do *campo* e da situação que nele ocupamos (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 34).

A mediação museal: possibilidades para a abordagem de conhecimentos químicos

Sobre a abordagem de conhecimentos químicos nas exposições, módulos e/ou atividades dos centros de ciências, nossos resultados apontam, também, para a importância da presença de um mediador, como, por exemplo, no Espaço Museu do Universo, em que a mediadora do aborda questões relacionadas à origem da vida, incluindo aspectos sobre conhecimentos químicos. O mediador configura papéis importantes dentro dos centros de ciência, uma vez que são eles que realizam o diálogo entre o conhecimento científico e os visitantes. Dessa forma, ainda que a abordagem de conhecimentos químicos não esteja explícita em um determinado módulo ou exposição, caberá ao mediador fazer com que o visitante perceba essa

abordagem ou, mais ainda, instigar a curiosidade através de sua mediação, como destaca Hooper-Greenhill:

A comunicação é um processo de duas vias. A interação é muito mais fácil de alcançar em uma situação face-a-face 'natural' do que na exposição (...) O desafio é encontrar maneiras de estimular esse nível de atenção para mostras e exposições. (HOOPER-GREENHILL, 1994, p. 38)

Além disso, podemos destacar que a mediação museal também contribui para a formação acadêmica, tendo em vista que a maioria dos mediadores das instituições museais investigadas são alunos de graduação. O investimento na formação de mediador também se caracteriza com um investimento indireto na sua formação acadêmica – considerando os mediadores como alunos de graduação, maioria nas instituições investigadas. Como exemplo, trazemos artigos publicados por atores sociais da Casa da Descoberta, em que abordam essa questão:

De fato, para os estudantes de Licenciatura, exercitar o ensino num ambiente de educação não formal, onde a velocidade de troca de informações científicas é bastante alta, torna-se uma excelente incursão epistemológica na formação de um professor moderno. (BORGES *et al*, 2011, p. 1860)

Os centros de ciência precisam estar atentos à comunicação realizada nos espaços, conferindo maior importância na formação do mediador. As instituições museais devem perceber que o papel do mediador deve ser bem diferenciado do professor. Este deve estar atento ao perfil do grupo visitante, ao contexto social que caracteriza a visita, ao contexto histórico que marca a ocasião da visita, às características e missão da instituição onde está inserido, como indica Bonatto *et al* (2009, p. 4). Contudo, isso não significa um afastamento dos centros de ciência dos espaços de educação formal, mas ambos trabalharem em parceria, no sentido de proporcionar uma experiência enriquecedora ao público escolar – maior público das instituições museais investigadas.

Conclusão

De acordo com os resultados desta pesquisa, verificamos a intensa criação e/ou renovação das instituições museais na região metropolitana do Rio de Janeiro na década de 90, em conformidade com um movimento mundial relacionado a iniciativas de educação científica voltada para a formação cidadã. Através de nosso estudo ainda pudemos perceber que a museologia e museografia de cada museu/centro de ciência investigados é reflexo de seu perfil institucional, ao mesmo em que, também, retrata as influências que teve no *campo* da divulgação científica, no espaço e no tempo definidos nesta pesquisa. Em relação à abordagem das ciências da vida nas exposições, módulos e/ou atividades das instituições selecionadas em nossa pesquisa, é importante assinalar que a inserção de conhecimentos químicos nesses espaços apareceu, predominantemente, de maneira integrada às outras áreas das ciências naturais, em associação a temáticas socioambientais. Tendo em vista que os museus e centros de ciência são instituições de caráter não formal, sem a preocupação com grade curricular, têm mais liberdade para trabalhar questões ligadas ao empoderamento dos cidadãos por meio da aquisição de conhecimentos científicos. Dessa forma, as instituições museais podem/devem explorar os saberes químicos relacionados ao cotidiano dos indivíduos, possibilitando, assim, o aumento do domínio popular desses saberes e sua utilização nas áreas da saúde, alimentação, novas tecnologias, dentre outras. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com os museus e centros de ciência do Rio de Janeiro, e, talvez do Brasil, a fim de que haja um repensar acerca das opções museográficas, com uma

contextualização que possibilite e, até mesmo favoreça, uma maior apropriação social de conhecimentos químicos entre os frequentadores dos espaços museais.

Referências Bibliográficas

- BONATTO, M.P.O.; BEVILAQUA, D.V.; SILVA, A.C.; FREITAS, C.S.; MACEDO, A.M.; GALVÃO, F.W.; NOGUEIRA, V.S. **Iniciação A Química No Museu Da Vida, Fiocruz: Avaliando Atividades Experimentais Interativas Da Bancada De Pasteur.** ANAIS. VII ENPEC. Florianópolis, 8 de novembro de 2009.
- BORGES, M.N.; RIBEIRO, C.M.R.; ARARIPE, D.R.; CHACON, E.P.; COUTINHO, L.G.R. Ações de divulgação de química na Casa da Descoberta - centro de divulgação de ciência da Universidade Federal Fluminense. **Química Nova**, v. 34, n. 10, p.1856-1861, 2011.
- BOURDIEU, P. ORTIZ, R. (org). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. **Os usos sociais da ciência**. UNESP, 2004. 86 p.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília. DF: MEC, 1999.
- CASCAIS, M.G.A., TÉRAN, A.F. Educação Formal, Informal e Não Formal em Ciências: Contribuições Dos Diversos Espaços Educativos. **Anais XX Encontro de Pesquisa Educacional Norte Nordeste**. Manaus, 23 a 36 de agosto de 2011.
- CHRISTIAN, B.N.; YEZIERSKI, E.J. A New Chemistry Education Research Frontier. **J.Chem. Educ.**, v. 89, n.11, p. 1337-1339, 2012.
- GRYNSZPAN, D. Museologia e Museografia. In: GUIMARÃES, V. F.; SILVA, G. A. (org.). SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE IMPLANTAÇÃO DE CENTROS E MUSEUS DE CIÊNCIA, 2002, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: PADEC/ UFRJ, 2002. p. 325-327 (2002).
- HOOPER-GREENHIL, E. **Museum and their visitors**. London: Routledge, 1994. 206 p.
- KRASILCHIK, M. Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 85-93, 2000.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2013, 2 ed. 112p.
- MORA, M.C.S. **Diversos enfoques sobre as visitas guiadas nos museus de ciência**. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (orgs). **Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. 92p.
- SANTOS, V.T.; ALMEIDA, M.A.V.; CAMPOS, A.F. Concepções de Professores de Química do Ensino Médio Sobre a Resolução de Situações - Problema. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. Porto Alegre: ABRAPEC, v. 5, n. 3, p. 25 – 37, 2005.
- SOUZA, A. V. S. **A ciência mora aqui: reflexões acerca dos museus e centros de ciência interativos do Brasil**. 2008. 161p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Técnica e Epistemologia do Conhecimento Científico) – Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- THIRY-CHERQUES, H.R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v.40, n.1, p. 27-55, 2006.